

BEM-ESTAR PESSOAL E RELACIONAMENTO AMBIENTAL EM CRIANÇAS DE 10-12 ANOS

F. D. RUFATO¹, E. FAVEIRO², E. N. A. OLIVEIRA³Universidade Estadual do Oeste do Paraná^{1,2}Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte³fabricio-rufato@hotmail.com¹

Submetido 16/03/2019 - Aceito 23/04/2020

DOI: 10.15628/holos.2022.8410

RESUMO

Buscou-se com este estudo compreender a partir da perspectiva das crianças, como as mesmas percebem e se relacionam com o ambiente e, quanto essa relação possa estar relacionada ao bem-estar pessoal, buscando subsídios para possíveis intervenções ambientais com crianças. Trata-se de dois estudos, sendo que o primeiro levantou dados das médias de bem-estar por escolas na cidade de Cascavel-PR de crianças de 10-12 anos. Foi utilizada a *Personal Well-Being Index-School Children* e os dados foram analisados por meio do Teste *t* de *Student* e ANOVA. O estudo apresentou que houve diferenças significativas entre as médias de bem-estar por escolas nos itens de como as crianças se relacionam com as pessoas, sobre sua saúde, o quanto se sentem seguras e

satisfação com as coisas que tem em geral. No segundo estudo, analisou a percepção das crianças sobre os conceitos de bem-estar, apego ao lugar, identidade de lugar e satisfação ambiental. Foram realizados grupos focais com perguntas abertas abrangendo o relacionamento ambiental infantil, considerando construtos como bem-estar, apego ao lugar, identidade de lugar e satisfação ambiental. Constatou-se que as crianças possuem uma visão ecocêntrica dos problemas ambientais, sendo que o bem-estar pessoal aparece relacionado ao apego e à identidade de lugar e também à proximidade com a natureza.

PALAVRAS-CHAVE: bem-estar pessoal, relacionamento ambiental, apego ao lugar, identidade de lugar, satisfação ambiental

PERSONAL WELL-BEING AND ENVIRONMENTAL IN CHILDREN OF 10-12 YEARS OLD

ABSTRACT

KEYWORDS: Personal well-being, environmental relationship, attachment to place, place identity, environmental satisfaction

This study aimed to understand from the perspective of children, and how they perceive and relate with the environment and how much this relationship may be related to the personal well-being, searching subsidies for possible environmental interventions with children. It is about two studies, the first one collected data on well-being averages for schools in the city of Cascavel-PR of children 10-12 years old. *Personal Well-Being Index-School Children* was used and data were analyzed by *Student's t-test* and ANOVA. The study showed that there were significant differences between the average well-being of schools in terms of how children relate to people, about their health, how safe they feel, and satisfaction with the things they have in general. In the second study, it analyzed children's perceptions of the concepts of well-being, attachment to a place, identity to a place and environmental

satisfaction. Focus groups were held with open questions covering the children's environmental relationship, considering constructs such as well-being, place attachment, place identity and environmental satisfaction. It was found that children have an ecocentric view of environmental problems, and personal well-being appears to be related to attachment and place identity as well as proximity to nature.

1 INTRODUÇÃO

O bem-estar subjetivo também conhecido como bem-estar pessoal (BEP) constitui um campo de estudos que busca compreender as avaliações que as pessoas fazem de suas vidas. Em pesquisas realizadas na Austrália e Espanha (Casas, 2010; Cummins & Lau, 2005), a expressão *bem-estar pessoal* foi desenvolvida para avaliar o bem-estar subjetivo na qual estão incluídas medidas objetivas e subjetivas de qualidade de vida. Trata-se de um conceito amplo, onde autores usam termos de satisfação com a vida e sentimento de felicidade (Galinha & Ribeiro, 2005).

A psicologia positiva é uma linha das psicologias na qual busca o estudo da emoção em seu caráter positivo. Estudos encontrados na literatura geralmente falam de aspectos negativos, como infelicidade, tristeza, etc. de modo que a psicologia positiva busca uma visão mais completa das experiências humanas. Com isso, essa abordagem tem influência nos estudos de bem-estar (Reuse, Menezes & Siqueira (2017).

Nesta perspectiva, segundo Sarriera et al. (2012), para entender o BEP deve-se considerar que cada pessoa avalia sua própria vida a partir de suas próprias expectativas, valores, emoções e experiências prévias. O bem-estar pessoal/subjetivo é diferente do bem-estar psicológico, pois o primeiro permite que as pessoas digam o que torna as suas vidas boas, enquanto no segundo, o investigador decide isso a partir das respostas às questões estruturadas.

Com isso, o BEP é fator importante na constituição de qualidade de vida e indica o quanto as pessoas sentem-se bem ou não ao longo da vida, considerando o aspecto global. Não se refere apenas aos aspectos pontuais da vida, e sim a vida como um todo. Suas interações dos termos internos (psicológicos) e o meio (psicossocial) com as demais pessoas influenciam este bem-estar (Galli, 2014). É composto por três aspectos fundamentais: satisfação global com a vida, felicidade e satisfação com os âmbitos da vida (Cummins & Lau, 2005).

No estudo de Casas (2010), estes três aspectos mostraram correlações significativas ao explicarem o bem-estar subjetivo. Como também para Siqueira e Padovam (2008) a satisfação está relacionada com o bem-estar subjetivo. Os autores enfatizam a satisfação com a vida e a felicidade como elementos integrantes no conceito de qualidade de vida. Articula-se duas perspectivas em psicologia, uma englobando as teorias emocionais, emoções, afetos e sentimentos e a outra com base nas avaliações de satisfação, como por exemplo, com a vida em geral e com aspectos da vida e trabalho (Siqueira & Padovam, 2008).

De acordo com novas formas de se avaliar o progresso humano, Myers (2014) traz o estudo de Diener, (2005 citado em Myers, 2014), onde ele desenvolveu diretrizes para os indicadores nacionais na Grã-Bretanha do bem-estar subjetivo, conforme Figura 1.



Figura 1 - Componentes do bem-estar

Atualmente, o BEP deixa de se dedicar ao nível microsocial (pessoal) e passa a ser objeto de estudos populacionais, de interesse macrosocial e político. Além dessas, é interessante conhecer quais outras variáveis permitem a uma pessoa avaliar sua vida como globalmente satisfatória, além de investigar comportamentos populacionais, opiniões coletivas e satisfação com a vida em uma cultura ou país (Casas, 2010).

Todavia, muitos estudos sobre BEP têm sido conduzidos com população adulta enquanto poucos tiveram como foco crianças e adolescentes (Veenhoven, 2009, Casas, 2010, Sarriera et al., 2012, Galli, 2014). O bem-estar e a qualidade de vida relacionados às crianças e adolescentes devem ser vistos por uma perspectiva ecológica, que enfoque os múltiplos níveis de análise; a criança, os pais e a família, os pares, a comunidade e a sociedade. As percepções das crianças são influenciadas por fatores como: características pessoais e da família, o nível socioeconômico, estilo parental, estresse parental e acontecimentos da vida (Gaspar, Matos, Ribeiro, & Leal, 2006).

1.1 Teoria ecológica do desenvolvimento humano, apego e identidade de lugar e satisfação ambiental

Para compreender algumas variáveis que afetam o BEP em crianças, uma abordagem que pode trazer contribuições relevantes é a teoria ecológica do desenvolvimento humano. Urie Bronfenbrenner (1977) definiu de forma sistêmica os níveis de interações com o meio e a influência desses no comportamento infantil (Piske, Yunes & Garcia, 2019).

Para o teórico Bronfenbrenner (1977), a relação pessoa e ambiente é caracterizada pela reciprocidade. O indivíduo molda-se, muda e recria o ambiente em que convive e o ambiente exerce a mesma função no indivíduo. Nessa relação direta há a existência de uma díade, ou seja, o contexto mais imediato na relação de uma pessoa com outra, seja na observação ou participação de comportamentos. Esta relação favorece a aprendizagem e motivação de uma atividade (Copetti & Krebs, 2004).

Neste sentido, entende-se que a teoria ecológica do desenvolvimento objetiva uma maior compreensão de forma sistematizada do relacionamento pessoa-ambiente, na busca de formas de cooperação entre grupos e comunidade e construção de soluções de uma sociedade ecologicamente equilibrada (Piske, Yunes & Garcia, 2019, Copetti & Krebs, 2004).

Por sua vez, alguns pressupostos da psicologia ambiental, que estuda as relações homem-ambiente (Moser, 1998), podem interferir direta ou indiretamente no bem-estar pessoal, como por exemplo, o apego ao lugar, identidade de lugar e satisfação ambiental. Ambos vieram da vertente psicológica que estuda as questões subjetivas relacionadas a interação no ambiente. Vários autores citam o apego e identidade de lugar como uma relação complexa entre pessoas e ambientes (Hidalgo, Hernández, 2001, Giuliani, 2003, Felipe; Kuhnen, 2012, Rosa, 2014).

Para Felipe e Kuhnen (2012) o conceito de apego ao lugar está relacionado ao enraizamento, à dependência, ao conforto, ao conhecimento do ambiente e ao desejo de estar próximo a ele. Como também o apego está relacionado à influência que o lugar remete na interação social, satisfação e no cuidado com o lugar. Ou seja, o apego relaciona-se com o sentimento de pertencimento do ambiente e satisfação das necessidades em geral, físicas e psicológicas (Alves, Kuhnen, & Battiston, 2015).

O apego ao lugar também apresenta relação com a identidade de lugar. O apego está relacionado ao vínculo emocional e afetivo estabelecido com determinado ambiente (Bruno, Profice, Aguiar & Ferraz, 2018). E por consequência desta relação com o ambiente, estes lugares geram um sentimento de pertencimento na pessoa, fazendo parte da sua identidade, pois remetem às situações vividas ali (Rosa, 2014). E a partir das cognições provocadas pelas relações mútuas neste ambiente físico, configura-se a identidade de lugar, ou seja, um aspecto da identidade pessoal referente ao espaço físico (Felipe & Kuhnen, 2012).

Pode-se observar a relação destes fatores supracitados com o bem-estar no estudo de Nepomuceno, Barbosa, Ximenes e Cardoso (2017), onde avaliou o BEP em indivíduos em situação de pobreza. No estudo a situação de pobreza não teve relação com o bem-estar, mas sim o sentimento de comunidade, onde envolvem fatores como bairro, vizinhança, identidade e apego ao lugar. Já Moura Jr e Sarrieira (2019) a pobreza influencia para índices negativos do BEP.

Também relacionado a questão ambiental, podemos entender que a satisfação ambiental está inserida nesses fatores, como bem-estar, felicidade, relacionamento com o ambiente, definindo assim a qualidade ambiental (Bassani, 2001).

Concomitante para Hörnquist (1990) a qualidade de vida no geral está relacionada em diversos fatores, sendo um deles a relação de satisfação com o ambiente, por exemplo, indicadores ambientais a respeito da qualidade dos recursos naturais, a poluição, densidade das populações, mobilidade, infraestrutura e relações sociais. Nessa perspectiva Galli (2014) identificou que satisfação com o ambiente residencial e escolar, atitudes ambientais que envolvam a família, o contato com a natureza e animais influenciam o bem-estar em crianças. Como também Homel e Burns (1987) relatou como as crianças são insatisfeitas com o local que residia por apresentar fatores de risco, como poluição, ausência de áreas verdes, trânsito, ruídos e sujeira.

Na literatura dificilmente encontra-se especificado o termo de satisfação ambiental, pois este engloba diversos fatores como relatam os autores acima. Dentre estudos do tema, a satisfação ambiental está relacionada ao bem-estar e a qualidade da relação entre pessoa-ambiente (Galli, 2014). Para Casas, González e Navarro (2013) em estudos de bem-estar infantil é necessário investigar aspectos que envolvam a comunidade, ou seja, entender os fatores comunitários que predizem o bem-estar em crianças.

Buscou-se com este estudo, em primeiro momento, analisar as diferenças de bem-estar pessoal de crianças de 10-12 anos em diferentes bairros da cidade de Cascavel-PR, onde, considera a hipótese de que há diferenças no BEP das mesmas. Em segundo momento, compreender a partir da perspectiva das crianças, como as mesmas percebem e se relacionam com o ambiente, e quanto essa relação possa estar relacionada ao bem-estar pessoal, buscando subsídios para possíveis intervenções ambientais com crianças.

2 MÉTODO

Primeiramente foram comparadas as médias de bem-estar em crianças por escolas da rede estadual da cidade de Cascavel-PR e, posteriormente, identificados os fatores que influenciam o relacionamento ambiental em crianças, relacionando com os conceitos de bem-estar, satisfação ambiental, apego e identidade de lugar.

A análise dos dados ocorreu em dois momentos, ou seja, inicialmente foram analisados e discutidos os dados quantitativos (Estudo 1). Após foram avaliados os dados qualitativos, coletados, transcritos, separados em categorias e discutidos (Estudo 2). Por fim, a conclusão final integra ambos os estudos, possibilitando maior compreensão da problemática do estudo.

2.1 Estudo 1

Participaram do estudo 886 alunos, com média de idade de 10,66 (DP=0,64) do sexto ano do Ensino Fundamental da rede estadual de ensino da cidade de Cascavel/PR, sendo 54% meninas e 46% meninos. A pesquisa contemplou 65% das escolas estaduais do município, sendo realizada apenas nas escolas situadas na cidade e obteve amostra representativa da população investigada.

Os participantes responderam a escala *Personal Well-Being Index-School Children* (PWI- SC), em formato de *Likert*, que continha sete itens e foi elaborada por Cummins, Eckersley, Van Pallant, Vugt e Misajon (2003). A escala foi traduzida e validada no Brasil através de estudo de Bedin e Sarriera (2014), que encontrou Alfa de Cronbach de 0,79. Os itens referem-se ao quanto satisfeito a criança está com as seguintes coisas em sua vida: 1) Sobre as coisas que você tem; 2) Sobre o seu relacionamento com as pessoas em geral; 3) Sobre a sua saúde; 4) Sobre o quanto seguro você se sente; 5) Sobre as coisas nas quais você quer ser bom; 6) Sobre fazer coisas longe de casa; 7) Sobre o que pode acontecer com você no futuro.

No presente estudo, a escala mostrou-se unifatorial ($\alpha=0,74$) e com variância explicada de 39,884%. As propriedades psicométricas da escala mostraram-se satisfatórias.

Os dados do questionário foram analisados quantitativamente, a partir de técnicas de estatística descritiva (média e desvio padrão, frequência e porcentagem), diferenças entre as médias das escolas e se essas são significativas através do Teste *t de Student*, com auxílio do *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 23.0.

2.2 Estudo 2

Dentre as escolas que participaram do estudo quantitativo, foram selecionadas quatro escolas, sendo a participante uma turma de sexto ano por escola selecionada. As escolas foram escolhidas intencionalmente, por diferentes zonas da cidade de Cascavel – PR, considerando a divisão por bairros, sendo uma escola de cada zona (zona central, zona intermediária, zona de periferia), definidas a partir de critérios geográficos e mapeamento dos bairros da cidade de Cascavel Paraná, deferidos pela secretaria municipal de planejamento (Cascavel, 2016). Todavia, foi selecionada uma escola a mais para alcançar maior diversidade de espaço geográfico, atingindo diferentes esferas do município.

As turmas participantes foram escolhidas pela coordenadora pedagógica, a partir do maior número de alunos, havendo em média de 30 alunos por sala. Não foram separados os grupos por sexo, sendo então grupos heterogêneos, tendo como critério de participação a idade de 10-12 anos e que estivesse regularmente estudando no sexto ano.

Utilizou-se o grupo focal como instrumento de pesquisa, que segundo Schvingel, Giongo e Munhoz, (2017) é realizado através de interações grupais ao discutir um determinado tema, sendo o pesquisador um facilitador do processo de discussão com ênfase nos processos psicossociais que emergem, ou seja, a influência entre o grupo na formação de opiniões sobre um assunto. Trata-se de um bom recurso de (re)construção das percepções, atitudes e representações sociais.

O objetivo do grupo foi identificar de forma singular as percepções das crianças sobre o tema em estudo, para que as informações possam contextualizar os dados da primeira fase (quantitativos). A estrutura do grupo focal foi guiada por perguntas sobre definição de bem-estar e ambiente, questões sobre apego e identidade de lugar, o que as crianças gostariam de mudar no lugar onde vivem e os quanto satisfeitos se sentem com o ambiente de um modo geral.

Após consentimentos dos participantes as falas do grupo foram gravadas e transcritas na íntegra. O grupo teve duração entre 40-60 minutos e foi realizado nas escolas selecionadas durante o horário da aula.

Os dados do grupo focal foram analisados através da técnica de Análise de Conteúdo. Sendo a análise de conteúdo um conjunto de técnicas de análise das comunicações, onde a entrevista é gravada, transcrita e após separada por temas referentes ao objetivo do estudo (Dantas, 2016). O conteúdo dos grupos focais foi organizado, explorado pela sua temática e os resultados analisados

a luz das teorias existentes sobre o assunto. A análise de conteúdo possibilita explicar conceitos de uma forma singular e subjetiva (Dantas, 2016).

De acordo com Carlomagno e Rocha (2016) existem diversas modalidades de análise de conteúdo, como por exemplo, análise lexical, análise de expressão, análise de relações, análise temática e análise de enunciação. No presente estudo utilizou-se o formato de análise temática, considerada pelo autor como apropriada em intervenções qualitativas. Este tipo de análise trabalha com noção de tema, ligado às questões sobre um determinado assunto e que pode ser representada por meio de uma palavra, frase ou resumo.

3 ESTUDO 1 - RESULTADOS

3.1 Análise do bem-estar de crianças cascavelenses com idade entre 10-12 anos

Foram conduzidas análises descritivas de média e desvio padrão da soma dos itens da Escala de Bem-estar Pessoal por escolas, a fim de verificar se existiam diferenças por localização geográfica das mesmas. As análises identificaram que as maiores médias se concentram em todas as regiões: central, intermediária e periférica.

Na Tabela 1 encontram-se os dados descritivos de média, desvio padrão, mínimo e máximo da soma dos itens da Escala PWI-SC. Os itens da escala PWI-SC foram somados e após calculado a média de modo a criar uma variável para cada escola, tornando viável a análise das médias por escola.

Tabela 1: Análises descritivas do PWI-SC por escolas

Nome da Escola	Média	N	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo	Variância	Média Harmônica	Zoneamento Urbano
Castelo Branco	3.92	38	.57	2.00	5.00	.33	3.82	Periférico
Cataratas	3.60	12	.85	1.43	4.86	.73	3.29	Periférico
Costa e Silva	3.97	85	.65	1.00	5.00	.43	3.74	Periférico
Eleodoro	3.98	172	.51	1.57	5.00	.26	3.90	Centro
Horácio dos Reis	3.86	47	.48	2.29	4.71	.23	3.79	Periférico
Ieda B. Mayer	3.83	39	.80	1.00	5.00	.64	3.53	Intermediário
Itagiba Fortunato	4.41	15	.40	3.57	5.00	.16	4.37	Periférico
Jardim Clarito	3.85	20	.46	2.57	4.57	.21	3.78	Periférico
Jardim Consolata	3.83	16	.63	2.71	5.00	.40	3.73	Periférico
Jardim Interlagos	3.83	43	.63	1.29	5.00	.40	3.66	Periférico
J. Sta Felicidade	4.00	22	.56	2.57	4.71	.31	3.91	Periférico
Júlia Wanderley	4.07	63	.52	3.00	5.00	.27	4.00	Periférico

Marcos Schuster	3.42	6	.28	3.00	3.71	.08	3.40	Periférico
Marílis	3.99	57	.58	1.57	4.86	.34	3.86	Intermediário
Olinda Truffa	4.19	18	.41	3.57	5.00	.17	4.15	Periférico
Olivo Fracaro	3.94	21	.65	2.29	4.71	.43	3.81	Periférico
Carmelo Perrone	3.95	114	.67	1.00	5.00	.45	3.77	Intermediário
São Cristóvão	4.04	21	.55	3.14	5.00	.30	3.97	Intermediário
Wilson Joffre	4.11	76	.54	2.71	5.00	.29	4.04	Centro

As Escolas com maiores médias de bem-estar pessoal como um todo foram: Itagiba Fortunato, Jardim Santa Felicidade, Júlia Wanderley, Olinda Truffa, São Cristóvão e Wilson Joffre. As escolas estão localizadas na região central, como é o caso da Wilson Joffre. A escola São Cristóvão está localizada na região intermediária - próxima ao centro. As escolas Olinda Truffa, Júlia Wanderley e Jardim Santa Felicidade estão em regiões periféricas, sendo todas localizadas entre os maiores e mais populosos bairros do município (Censo, 2018).

De acordo com o índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) em 2015 – último ano que foi aplicado nas escolas de Cascavel-PR, apenas cinco alcançaram as médias propostas pelo programa, entre elas, encontra-se a escola Wilson Joffre, Marílis e Eleodoro. As escolas com maiores médias de BEP além da Wilson Joffre, também aparecem logo em seguida no ranking do Ideb, como, Júlia Wanderley, São Cristóvão e Olinda Truffa. As escolas Jardim Santa Felicidade e Itagiba Fortunato aparecem com menores médias. Já nos dados referentes ao ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) do ano de 2017 as escolas Wilson Joffre, Eleodoro, Marílis e Itagiba Fortunato respectivamente, estão entre as maiores médias (Qedu.org.br, 2018), indicando que existe relação entre bem-estar e rendimento escolar.

A Tabela 2 apresenta a análise descritiva para o bem-estar pessoal, primeiro a média da soma dos itens de PWI-SC, seguido das médias gerais de cada item da escala.

Tabela 2: Análise descritiva do PWI-SC.

PWI-SC	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão	Variância
Soma dos itens PWI-SC	886	1.00	5.00	3.9757	.59638	.356
Sobre todas as coisas que você tem	886	1,0	9,0	4,091	,9549	,912
Sobre o seu relacionamento com as pessoas em geral	886	1,0	5,0	3,959	,8865	,786

Sobre a sua saúde	886	1,0	5,0	4,269	,9062	,821
Sobre o quanto seguro você se sente	886	1,0	5,0	4,050	,9548	,912
Sobre as coisas nas quais você quer ser bom	886	1,0	5,0	4,035	,9199	,846
Sobre fazer coisas longe de casa	886	1,0	5,0	3,447	1,1022	1,215
Sobre o que pode acontecer com você no future	886	1,0	5,0	3,979	,9856	,971

A Tabela 3 apresenta os resultados do teste de amostras independentes, no qual o teste de Levene mostrou que não há diferenças significativas entre as médias das escolas, quando considerada a média da soma dos itens da escala *PWI-SC*.

Tabela 3: Teste de Amostra Independente para a Média de PWI-SC por Escolas.

Teste de Amostras Independentes										
Soma de Bem-estar pessoal	Variâncias iguais assumidas	Teste de Levene para igualdade de variâncias		Teste-t para igualdade das médias						
		F	Sig.	T	GI	Sig. (2-tailed)	Diferença Média	Desvio Padrão	95% Intervalo de Confiança	
									Inferior	Superior
	Não assumidas	1.97	.16	-.43	881	.66	-.01	.04	-.09	.06
				-.43	828.62	.66	-.01	.04	-.09	.06

Esse dado indica que as diferenças no bem-estar entre as escolas são devido a aspectos específicos que foram avaliados pelo *PWI-SC*, requerendo assim as análises das diferenças por item.

Como não houve diferença significativa quando o bem-estar foi avaliado de maneira global, decidiu-se analisar item por item do *PWI-SC*, considerando que pode haver diferenças na avaliação das crianças em aspectos específicos do BEP. A Tabela 4 apresenta o teste ANOVA, na qual comparou cada item da escala *PWI-SC* por escola, mostrando que há diferenças significativas em quatro itens dentre os que compõem a avaliação de bem-estar: sobre seu relacionamento com as

peçoas em geral, sobre a sua saúde, sobre o quão seguro você se sente e sobre as coisas nas quais você quer ser bom. Desse modo, entende-se que há diferenças significativas nas médias de bem-estar nesses aspectos, entre as escolas da rede estadual da cidade de Cascavel.

Tabela 4: Teste ANOVA por itens da escala PWI-SC

Tabela ANOVA							
			Soma dos Quadrados	gl	Média Quadrada	F	Sig.
Sobre todas as coisas que você tem	Entre Grupos	(Combinado)	21.79	18	1.21	1.29	.18
Sobre o seu relacionamento com as pessoas em geral	Entre Grupos	(Combinado)	28.92	18	1.60	2.02	.007*
Sobre a sua saúde	Entre Grupos	(Combinado)	41.36	18	2.29	2.81	.000**
Sobre o quão seguro você se sente	Entre Grupos	(Combinado)	35.52	18	1.97	2.15	.004*
Sobre as coisas nas quais você quer ser bom	Entre Grupos	(Combinado)	26.81	18	1.49	1.74	.028*
Sobre fazer coisas longe de casa	Entre Grupos	(Combinado)	16.80	18	.93	.74	.76
Sobre o que pode acontecer com você no future	Entre Grupos	(Combinado)	15.15	18	.84	.83	.65

Nota. ** $p < 0.001$; * $p < 0.05$

Na Tabela 5 encontram-se os dados descritivos de média de cada item da PWI-SC por escola, ou seja, foi calculado a média para cada item em cada escola da amostra, apontando as diferenças da maior e menor média por escola. A partir das médias, é possível identificar as escolas que apresentaram maiores e menores médias em cada item.

Tabela 5: Médias das escolas para cada item da escala PWI-SC

Nome da escola	Zoneamento urbano	Sobre todas as coisas que você tem	Sobre o seu relacionamento com as pessoas em geral	Sobre a sua saúde	Sobre o quão seguro você se sente	Sobre as coisas nas quais você quer ser bom	Sobre fazer coisas longe de casa	Sobre o que pode acontecer com você no futuro
Itagiba Fortunato	Periférico	4.53	4.33	4.93	4.93	4.47	3.80	4.00
Olinda Truffa	Periférico	4.00	4.44	4.61	4.17	4.61	3.39	4.11
Wilson Joffre	Centro	4.17	4.17	4.37	4.33	4.07	3.58	4.14
Júlia Wanderley	Periférico	4.31	4.05	4.27	4.17	3.97	3.63	4.13
São Cristóvão	Intermediário	4.05	4.24	4.43	3.71	4.38	3.33	4.19
J. S. Felicidade	Periférico	4.18	4.09	4.45	4.05	4.14	3.09	4.05
Marílis	Intermediário	4.14	4.20	4.34	3.79	4.05	3.40	4.02
Eleodoro	Centro	4.19	3.79	4.27	4.11	4.13	3.44	4.00
Costa e Silva	Periférico	4.13	3.93	4.43	3.84	3.92	3.49	4.07
Carmelo Perrone	Intermediário	3.96	3.88	4.30	4.13	4.08	3.42	3.94
Olivo Fracaro	Periférico	3.90	3.95	4.24	3.95	3.95	3.67	3.95
Castelo Branco	Periférico	4.11	3.92	4.26	4.14	3.95	3.38	3.73
Horácio R. Reis	Periférico	4.09	3.80	4.11	3.96	4.00	3.32	3.77
Jardim Clarito	Periférico	4.05	4.30	4.20	4.05	3.80	3.05	3.50
Ieda B. Mayer	Intermediário	4.05	3.84	4.08	3.95	3.62	3.54	3.77
Jardim Consolata	Periférico	3.81	3.81	4.06	3.88	3.81	3.31	4.19
Jardim Interlagos	Periférico	3.76	3.81	4.00	3.93	4.02	3.37	3.93
Cataratas	Periférico	3.67	3.75	3.17	3.67	3.75	3.42	3.83
Marcos C. Schuster	Periférico	3.50	3.17	3.17	3.50	3.67	3.33	3.67

As escolas Olinda Truffa e Itagiba Fortunato apresentaram as maiores médias nos itens que apresentaram diferenças significativas no bem-estar, enquanto que as escolas Cataratas e Marcos Cláudio Schuster apresentaram as menores médias.

4. ESTUDO 1 – DISCUSSÃO

As diferenças encontradas nas médias de BEP por escola e que dizem respeito à satisfação das crianças relativa ao relacionamento com as pessoas, à saúde, à segurança e às coisas que você tem, por escolas podem estar relacionadas a diversos fatores, como a estrutura da cidade, à qualidade das escolas, dos bairros onde os alunos residem e convivem, ao convívio familiar e comunitário entre outras. Entende-se, segundo autores que, fatores como relacionamento positivo com familiares (Lima & Moraes, 2016), convívio com lugares verdes (Ramos & Bernardo, 2009) e animais de estimação (Ferreira et al., 2016), bairros que possuem segurança e tranquilidade (Farias & Pinheiro, 2013), e escolas organizadas em locais adequados (Olivos, 2010), colaboram para a qualidade de vida e bem-estar pessoal das crianças.

O estudo de Casas, Bello, González e Aligué (2012) com 5934 indivíduos com idade de 12 a 14 anos na Espanha, não encontrou diferenças significativas entre meninos e meninas nos resultados da escala de bem-estar pessoal, como também a amostra apresentou índices elevados de bem-estar nesta idade. De um modo geral, as médias de bem-estar por escola e por item podem ser consideradas elevadas, pois a avaliação era de 1-5, de modo que médias acima de 4 indicam que as crianças estão satisfeitas com os aspectos avaliados. No entanto, no item sobre o quanto estão satisfeitas em fazer coisas longe de casa, as médias de todas as escolas foram abaixo de 4 (3,44), indicando haver uma certa insatisfação nesse item. Na mesma direção Roger (2012) evidenciou como indicador de bem-estar infantil, os comportamentos das crianças participarem da comunidade, analisando seus problemas do bairro e o vínculo com a vizinhança, a base de apoio e cooperação.

Já no estudo de Gaspar e Balancho (2017) em Portugal, as crianças com maior índice socioeconômico apresentaram autoestima mais elevada, maior satisfação nas relações sociais, como família e amigos e bem como, no otimismo. Em crianças de famílias com menores ganhos socioeconômicos, o índice de bem-estar foi negativo, por motivos como, menor proteção e mais

vulnerabilidade social gerando menor otimismo, menor autoestima e dificuldades em adotar estratégias de *coping* (tentativa ou empenho para lidar com exigências externas (do ambiente) ou internas (do próprio sujeito) percebidas como sobrecarregando ou excedendo os recursos da pessoa, conforme Folkman e Lazarus,1980).

Todavia, para Diener (2000), populações mais pobres não significam que possuem menor bem-estar, como é o caso do Brasil, onde a população é mais pobre e possuem maiores índices de satisfação com a vida do que as crianças da Rússia e o Japão. Neste sentido, a satisfação com a vida vai ser positiva quando as crianças viverem em espaços que as encorajem em um desenvolvimento psicológico saudável, com reciprocidade e equilíbrio de poder (Poletto & Koller, 2011).

Pessoas que se apoiam e se ajudam nas relações sociais estão de certa forma, mais protegidas dos danos causados pela saúde, pobreza e desvantagens sociais. Aspectos como, qualidade da habitação, acesso a boas escolas, boa infraestrutura dos bairros e excelência em demais serviços públicos tem um impacto maior na redução de risco de desajuste e problemas com a saúde emocional e física (Poletto & Koller, 2011).

A partir desses fatores, um dado relevante é que as escolas que apresentaram menores índices de bem-estar nos itens: quanto satisfeitos estão com o relacionamento com as pessoas em geral, segurança, saúde e sobre as coisas das quais quer ser bom, estão situadas na região norte do município de Cascavel-PR. No estudo de Ramão e Wadi (2008) sobre o levantamento de homicídios e criminalidade no município de Cascavel-PR, a região norte é considerada de maior violência e homicídios. Todavia, a escola Itagiba Fortunato, também localizada na região norte apresentou índices altos do BEP, este dado pode estar relacionado a infraestrutura do colégio que é nova e se trata de um modelo arquitetônico de maior segurança, como também estar próxima de comércios e hospital.

5. ESTUDO 2 - RESULTADOS

5.1 Percepção das crianças em relação ao ambiente considerando os conceitos de apego ao lugar, identidade de lugar, satisfação ambiental e bem-estar subjetivo

Foram realizados grupos focais em quatro escolas de diferentes zonas urbanas, turmas do sexto ano, selecionadas pela própria equipe pedagógica. Os grupos tinham como objetivo analisar o bem-estar pessoal e o relacionamento ambiental de crianças com idade entre 10-12 anos, de forma qualitativa, considerando apego ao lugar, identidade de lugar e satisfação ambiental como fatores que possam influenciar o bem-estar pessoal.

No grupo focal foram realizadas perguntas abertas, sendo os alunos convidados a responderem livremente e as respostas foram gravadas. As perguntas envolviam conceitos de bem-estar, apego ao lugar, identidade de lugar e satisfação ambiental. Foram elas: *O que é bem-estar para você? Nomeie aquilo que faz você se sentir bem? O que é ambiente para você; O que contribui para que você se sinta satisfeito com o ambiente de um modo geral? Você gosta do lugar onde vive (bairro)? Sim ou não, por quê? O lugar em que você vive (bairro) tem a ver com você (Você se identifica com ele?)? Sim ou não, por quê? O que você mudaria no lugar onde você vive? Você pode participar dessa mudança? Como? O que motiva você a cuidar do ambiente onde você vive? Você cuida para se sentir satisfeito ou você se sente satisfeito com o ambiente, por isso você cuida?*

Após os dados serem transcritos foram analisadas as respostas e separadas por categorias para cada escola, sendo elas: categoria temática, as subcategorias e as unidades de análise. Os itens que se subdividem explicam as categorias temáticas de forma geral. Na sequência, organizou-se uma classificação geral que remete a todos os dados classificados das escolas que participaram do grupo focal, como segue na tabela abaixo.

Tabela 6: Categorias temáticas, subcategorias e unidades de análise das respostas do grupo focal geral das crianças que participaram do estudo qualitativo.

Categoria Temática	Subcategoria temática	Unidades de Análise
1) Bem-estar	1.1 Relacionamento familiar	- Vínculo familiar - Pertencimento
	1.2 Segurança	- Afeto - Conforto - Proteção

	1.3 Saúde	- Higiene - Alimentação
	1.4 Lazer/Recreação	- Brincadeiras - Esportes
2) Ambiente	2.1 Apego ao Lugar	- Relacionamentos - Ambiente Seguro
	2.2 Identidade de Lugar	- Conhecimento da história do lugar - Pertencimento
	2.3 Problemas Ambientais	- Poluição - Tráfego Intenso - Ruídos
	2.4 Recursos	-Proximidade/acessibilidade -Infraestrutura
3) Cuidado com o Ambiente	3.1 Organização	- Limpeza das casas e ruas - Separação do Lixo
	3.2 Preservação	- Economia de recursos - Atitudes pró-ambientais
4) Ambiente Natural	4.1 Elementos do Ambiente	-Animais -Plantas -Áreas verdes

Não houve diferenças significativas de respostas nas categorias temáticas, subcategorias e unidades de análise quando comparadas as escolas, por isso a classificação foi em tabela única. Uma única escola (Colégio Estadual São Cristóvão) apresentou diferença ao referir questões de higiene, como por exemplo, escovar os dentes, tomar banho e manter a limpeza. As demais apareceram em mais de uma escola, sendo a maioria dos itens pertencentes a todas elas.

6. ESTUDO 2 - DISCUSSÃO

Em relação ao estudo qualitativo, sobre as percepções das crianças em relação ao ambiente a partir dos dados do grupo focal, os resultados foram organizados de acordo com os eixos temáticos, respeitando em primeira análise, a categoria temática, seguida da subcategoria temática e, por fim unidades de análise.

A primeira categoria temática refere-se a como as crianças definem o bem-estar. Segundo autores como Cummins e Lau (2005), Casas (2010) Sarriera et al. (2012), Galli (2014), o bem-estar refere-se a como a pessoa avalia sua vida através de expectativas, valores, emoções e experiências prévias, abrangendo aspectos globais e da constituição de qualidade de vida. Lima e Moraes (2016) ressaltam a importância da subjetividade do bem-estar esclarecendo que fatores externos não são determinantes, mas sim dependem da percepção de cada indivíduo em sua idiosincrasia. Embora não se possa definir eventos como causalidade, identificou-se fatores que predisõem a percepção de bem-estar em crianças.

Entre os fatores que influenciam no bem-estar das crianças estudadas está o relacionamento familiar. Segundo o Rees et al. (2012), a família é um dos aspectos mais influenciadores do bem-estar infantil, pois essas relações são consideradas consistentes e seguras. Entende-se então, que o vínculo familiar é um dos principais contextos de socialização (Schütz, 2014).

As crianças estudadas salientaram que é importante o convívio familiar e estar perto da família: “estar com nossa família” (A4). Relacionaram também com vínculo familiar, o pertencimento e o afeto: “bem-estar é estar com sua família que te ama, te cuida e que você se sinta bem perto dela” (A24).

De acordo com o estudo de Schütz (2014), crianças com famílias intactas possuem maiores índices de bem-estar do que crianças com mono famílias (quando possui apenas um membro, seja o pai, ou mãe ou responsável) ou famílias destituídas (famílias separadas ou que algum membro veio a falecer) ou reconstruídas (quando o familiar seja mãe ou pai se casa novamente, compondo uma nova família). Para Amato e Sobolewski (2001) isso acontece, pois quando um membro familiar se afasta e muda as relações sociais do convívio da criança isso pode gerar uma situação estressora, onde a criança pode entender como abandono, o que diminui significativamente o bem-estar infantil.

Concomitantemente, em pesquisa com crianças e adolescentes em situação de rua, Lima e Morais (2016) relataram que a percepção dos participantes acerca da satisfação de vida é positiva após o rompimento do vínculo familiar permeado por conflitos, violência e pobreza, identificando como satisfatória a vida na rua ao comparar às situações anteriores de vulnerabilidade e risco. Os adolescentes relataram ainda acreditar que o apoio familiar faria diferença positiva nas suas percepções acerca do bem-estar e que a privação do convívio familiar acarreta sentimentos negativos em suas rotinas (Lima & Morais, 2016).

Outra categoria relacionada ao bem-estar é a segurança, onde as crianças identificaram como parte do bem-estar estarem em lugares onde se sintam protegidas: “se sentir confortável, seguro e protegido” (A27), “bem-estar é se proteger” (A11). É uma condição de existência humana, à busca por um lugar onde a pessoa possa se sentir protegida e confortável, capaz de atender suas necessidades fisiológicas. Segundo Chauí (1994) o ser humano não pensa no conforto, mas o sente a partir dos significados e valores das coisas percebidas e atribuídas, a partir das relações construídas. Tal afirmativa, corrobora com os dados encontrados por Sarriera et al. (2016) que descreveram o sentido de comunidade como um fator promotor de bem-estar em crianças da região Sul, associados à segurança percebida no ambiente em que convivem, descritas pela segurança em andar no bairro, segurança em ser reconhecido pelos membros da comunidade e segurança em contar com a colaboração dos pares.

As crianças participantes do estudo evidenciaram o conforto como: “se sentir confortável...” (A27), “estar bem com a família e estar confortável” (A25), “estar em harmonia e conforto” (A7), assim, como na pesquisa de Schütz, Bedin, Strelhow e Sarriera (2014) cujos participantes com

famílias intactas relataram sentirem-se seguros em casa, descrevendo o conforto encontrado no lar como fator positivo para realizar atividades rotineiras como estudar.

A saúde também é um componente relevante do bem-estar, pois este trata de diversas variáveis incluindo o cuidado com a saúde (Sarriera et al., 2012). As crianças do sexto ano identificaram que a higiene e a alimentação saudável são fatores importantes que compõem o bem-estar: “ter boa saúde, alimentação saudável, comer verduras e frutas” (A14), “ter uma boa alimentação, com saúde” (A2), “beber água, não comer muito” (A20), “ser limpo, num lugar limpo” (A18). Como o bem-estar está ligado aos aspectos globais da vida (Sarriera et al., 2012; Galli, 2014), as questões de saúde estão diretamente ligadas ao bem-estar, como fatores de preocupações e cuidados com a saúde, ou seja, saúde e bem-estar se relacionam na busca de promoção de saúde e qualidade de vida (Jesus, 2006). Assim como também, qualidade, boa infraestrutura e acessibilidade a serviços de saúde, moradias em lugares que contribuem para maior qualidade de vida influenciam extrinsecamente o bem-estar (Poletto & Koller, 2011).

E por fim, relacionado ao bem-estar está o lazer e a recreação. Segundo Giacomoni, Souza e Hutza, 2014 & Silva et al., 2018) os conteúdos de lazer e atividades físicas que proporcionam diversão precisam integrar a avaliação do bem-estar infantil, tendo em vista já fazer parte do WHOQOL (Instrumento de avaliação da qualidade de vida pela Organização Mundial de Saúde) e, estarem presentes como fundamental para a satisfação de vida no relato de várias pesquisas. De acordo com as crianças, as brincadeiras e o esporte influenciam o bem-estar: “andar, correr, andar de bicicleta” (A13), “jogar videogames” (A17), “brincar com os amigos, jogar futebol” (A18). Giacomoni, Souza e Hutz (2014) relataram que o lazer tem um domínio significativo na percepção de bem-estar das crianças, sendo a segunda maior frequência para representar a felicidade em indivíduos de cinco a oito anos, indicado por atividades físicas, oportunidades de passeio, brincadeiras e atividades que proporcionam diversão, distinta da rotina destes. Da mesma forma, Evans (2006) ressalva que a satisfação e bem-estar infantil estão relacionadas com a capacidade de exploração do espaço para recreação, lazer e contato com ambientes naturais.

A segunda categoria temática trata do ambiente numa perspectiva geral, tendo como subcategorias o apego ao lugar, a identidade de lugar e os problemas ambientais. O apego ao lugar e a identidade de lugar, tratam da relação afetiva do indivíduo com determinado lugar e pertencimento, sendo que, a identidade de lugar é uma consequência da relação afetiva com o



lugar, ou seja, o apego ao lugar (Bruno, Profice, Aguiar & Ferraz, 2018, Giuliani, 2003, Felipe & Kuhnen, 2012, Rosa, 2014).

Alguns relatos das crianças evidenciam a presença de apego ao lugar e identidade de lugar: “lugar que eu conheço e que eu gosto de estar e tem as pessoas que eu conheço” (A1); “minha casa, onde eu vivo e moro” (A3, 9, 15, 16); “Eu me sinto bem com pessoas que eu gosto e conheço tenho confiança e que eu sinta bem quando estou com elas naquele ambiente” (A30). O apego ao lugar está ligado ao sentimento de pertencimento, vinculado as relações vivenciadas no ambiente e a familiaridade que ele possui (Felipe & Kuhnen (2012), Alves, Kuhnen, & Battiston, 2015).

O apego fortalece aspectos positivos que o ambiente favorece, como suprir necessidades físicas e psicológicas, ou seja, alimentação, segurança, conforto, cooperação e interações sociais (Alves, Kuhnen, & Battiston, 2015). Da mesma forma, a identidade de lugar gera um sentimento de pertencimento e identidade; o lugar representa parte da identidade da pessoa (Rosa, 2014). Ou seja, a partir das experiências afetivas vividas no ambiente e as características do espaço físico, as relações familiares e o tempo de vivência fazem parte da representação do eu de cada indivíduo (Farias & Pinheiro, 2013). Do mesmo modo, a história do lugar faz parte e pode determinar a identidade social, do bairro e comunidade que vive (Bernardo & Palma-Oliveira, 2012).

Um estudo de Bernardo et al. (2005) relacionado ao apego e identidade de lugar constatou que indivíduos que tiveram realojamento forçado do local onde moravam tinham um impacto negativo sobre a autoestima, identidade individual e coletiva, mantendo padrões do local antigo mesmo depois de anos do realojamento.

Situações como algumas crianças citaram “não gosto do meu bairro por ser muito violento e ter bandidos” (A21); “não gosto porque tem muitos drogados e violência” (A17) corrobora com estudos que afirmam que a violência e a falta de segurança influenciam negativamente no apego e identidade de lugar (Ramos & Bernardo, 2009). Assim como esse fator corrobora com os dados quantitativos, onde encontrou-se diferenças no item sobre o quanto as crianças se sentem seguras, sendo que as menores médias são de regiões mais violentas da cidade de Cascavel, segundo dados de (Ramão & Wadi, 2008).

Consequente, ainda no que diz respeito à definição de ambiente, a amostra relatou problemas ambientais, como tráfico intenso, poluição e ruídos. A psicologia ambiental se preocupa

com problemas ambientais dos centros urbanos, pois eles são geradores de estresse ambiental, afetando a qualidade de vida e o bem-estar. Entre as falas estão: “no meu bairro mudaria a sujeira, teria de ser limpo” (A3); “plantaria mais árvores e mais limpo, tirava o lixo do chão e colocava coisas legais” (A24); “eu não gosto do meu bairro, passa muito carro, muito movimento” (A6); “não consigo dormir, tocam músicas muito alto” (A11).

Problemas ambientais como tráfego, ruídos, aglomerações, falta de áreas de lazer e espaços verdes são considerados situações estressoras menos intensas, porém crônicas e persistentes, podendo desencadear efeitos mais graves de saúde mental (Antunes, Palma-Oliveira, & Bernardo, 2011). Também para as crianças, a exposição a esses estressores ambientais pode diminuir a satisfação com o ambiente e seu bem-estar (Evans, 2006).

Outra subcategoria da temática ambiente são os recursos que o ambiente oferece, como acessibilidade, infraestrutura e sonoridade. Relataram situações como: “Gosto por que é perto de tudo...do mercado, da escola, sorveteria, onde faço natação perto do parque; é um bairro muito bom” (A9); “fica perto do mercado e do campinho de futebol, onde gosto de jogar futebol” (A14); “Eu queria que as coisas fossem mais perto da minha casa porque tudo é longe não dá para ir a pé porque é uma rua de barro” (A2). Os espaços urbanos influenciam indiretamente as relações humanas, ou seja, cada ambiente determina um padrão de comportamento executado pelos indivíduos que ali frequentam. Com isso, a acessibilidade, segurança e áreas verdes promovem uma experiência ambiental positiva (Ramos & Bernardo, 2009, Antunes, Palma-Oliveira, & Bernardo, 2011).

Outra unidade temática relatada na amostra foi o cuidado ambiental onde, atualmente este termo ganhou forças pelas questões de descuido com o ambiente, como poluição, escassez de recursos, entre outros (Pinheiro & Pinheiro, 2007). A primeira unidade temática mencionada foi a organização, envolvendo a limpeza das casas e da rua e a separação de lixo. Alguns dos relatos foram: “colaboraria na rua para acabar com os mosquitos da dengue, deixar tudo limpo” (A11); “deixaria tudo limpo, com uma aparência melhor” (A13); “não deve jogar lixo nas ruas” (A 4, 5, 13); “mudaria a sujeira onde eu moro, pois quando chove entope o bueiro, alaga as ruas é muito ruim” (A12); “sou dessas pessoas que junta o lixo e joga no lugar certo” (A4).

Autores como Reigada e Reis (2004) analisaram crianças de 6 a 11 anos sobre a percepção de ambiente e atitudes de cuidado, identificando que as mesmas se incomodavam com a sujeira das ruas, desorganização e sujeira da escola, falta de elementos naturais, como rio, árvores, flores. Também essas crianças colocaram como intervenção a ser realizada, a limpeza das ruas, calçadas, praças e escola.

Na unidade de análise preservação e atitudes pró-ambientais apareceram relatos como: “deixar exemplos para as próximas gerações, não jogando lixo nas ruas” (A9); “deixar o ambiente melhor para o futuro e um lugar melhor para se viver” (A1); “cuido do ambiente e na mesma hora que cuido me sinto bem. É uma coisa que eu gosto e quero fazer e ninguém me obriga” (A8); “se a gente não cuidar, vai prejudicar nós mesmos” (A17); “eu cuido do meio ambiente não é somente pra cuidar de nós, é pra contribuir com a natureza” (A2); “limpar o ambiente para que todas as pessoas possam usar e sentir-se satisfeitas” (A25); “reciclaria o lixo, não jogar nas ruas” (A13, A6).

O ecocentrismo consiste no grau em que a pessoa tem conscientização dos problemas ambientais, e o quanto esses problemas estão relacionados às atitudes humanas (Pires, Junior, Lemos, & Figueiras, 2014). No caso do atual estudo, identifica-se que os alunos possuem visão ecocêntrica diante das questões ambientais, como, se preocupar com a sustentabilidade e também citar comportamentos pró-ambientais, não se preocupando apenas com o benefício próprio.

Isso implica, por exemplo, no estudo de Antunes, Palma-Oliveira e Bernardo (2011), que identificaram que os comportamentos pró-ambientais em adultos são influenciados por duas vertentes, a individual e a coletiva. Por exemplo, em caso de escassez de água, a vertente individual é mais vantajosa, pois o indivíduo se preocupa apenas com a quantidade do recurso que necessita para atender todas suas necessidades. Já a coletiva, há a necessidade de todos contribuírem na redução para manter o recurso natural satisfazendo as necessidades primordiais, abrindo mão então de satisfazer algumas necessidades.

Outro aspecto que está relacionado com o ecocentrismo é a percepção ambiental através do universalismo, onde se analisa os problemas ambientais de forma global, interligados em todo ecossistema, não apenas no problema isolado (Coelho, Gouveia, & Milfont, 2006).

E por fim, a categoria temática ambiente natural abarca os elementos do ambiente, como plantas, animais e áreas verdes. O convívio com ambientes naturais proporciona diminuição do

estresse e maior qualidade de vida (Ramos & Bernardo, 2009). Do mesmo modo, o estudo de Nisbet, Zelenski e Murphy (2011), contribuiu para comprovar que há relação positiva entre o bem-estar e a relação com a natureza. No presente estudo, tais dados ficaram evidentes nos relatos: “gosto da minha casa porque tem um lago perto” (A21); “gosto de onde vivo porque tenho meus bichinhos de estimação e gosto de brincar”; “é afastado da cidade, é mais fresco, tem menos barulho e tem muita vegetação” (A12); “em casa tem árvores para subir, tem rios, bichos para cuidar, tem muita coisa para fazer lá, nunca fica parado” (A4).

Segundo Antunes, Palma-Oliveira e Bernardo (2011) o ser humano prefere ambientes naturais que contém água, vegetação e animais, sendo que as associações destes ambientes com o espaço urbano contribuem para a diminuição da fadiga decorrente de atividades diárias e servem como estimulação física e cognitiva. Também locais naturais melhoram a temperatura do ambiente, a qualidade do ar e favorecem o aumento de atividades físicas e de recreação (Ramos & Bernardo, 2009).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em geral o estudo confirma a hipótese inicial de que há diferenças por escolas em alguns fatores que compõem o BEP. Apresentaram em algumas das escolas de região periférica estas diferenças os itens, relacionamento com as pessoas, satisfação com sua saúde e segurança e satisfação com as coisas que as mesmas possuem. Esses fatores podem estar relacionados à infraestrutura de moradia, bairro, escolas, serviços públicos e segurança.

Pode-se compreender que o apego ao lugar, identidade de lugar, convívio com áreas verdes e naturais, ambiente seguro e limpo, com acessibilidade e infraestrutura colaboram para a satisfação com a vida de um modo geral em crianças. Também foi possível analisar que as crianças possuem uma visão ecocêntrica e universal em relação aos problemas ambientais, mostrando atitudes de comportamento pró-ambientais para problemas relacionados ao meio ambiente. Assim, as crianças têm uma percepção do ambiente do que é bom, prazeroso e do que incomoda.

Uma possível limitação é o estudo quantitativo que limita maiores investigações acerca do bem-estar pessoal em cada escola e bairro da cidade, uma vez que não foi possível acessar dados específicos de cada criança, como renda familiar, estrutura familiar, repetência escolar, etc. Precisa-se aprofundar as questões que possam estar influenciando as diferenças significativas em relação

ao bem-estar, como também investigar qualitativamente sobre as percepções das crianças sobre esses aspectos em sua vida. Também poderia ser ampliado este estudo para outras faixas etárias.

No entanto, o presente estudo contribui na compreensão de que o relacionamento ambiental é um dos fatores que contribuem para o bem-estar, ou seja, aspectos físicos do ambiente também influenciam no desenvolvimento psicológico. Sugere-se que instrumentos que meçam bem-estar incluam itens referentes ao estresse ambiental como ruído, tráfego, aos recursos ambientais como árvores nas ruas, parques, à infraestrutura urbana, etc. Também contribui para subsidiar futuras intervenções com crianças, como por exemplo, a educação ambiental nas escolas, a importância do relacionamento familiar e com o lugar onde as crianças vivem buscando promover a qualidade de vida através de políticas públicas voltadas para as crianças.

REFERÊNCIAS

- Alves, R. B., Kuhnen, A., & Battiston, M. (2015). “Lar doce lar”: apego ao lugar em áreas de risco diante de desastres naturais: *Psico*, 46(2). doi: 10.15448/1980-8623.2015.2.17484.
- Amato, P. R., & Sobolewski, J. (2001). The effects of divorce and marital discord on adult children’s psychological well-being. *American Sociological Review*, 66(6), 900-921.
- Antunes, D., Palma-Oliveira, J., & Bernardo, F. (2011). Psicologia do ambiente. Retrieved from https://www.researchgate.net/publication/237162734_Psicologia_do_Ambiente
- Bassani, M. A. (2001). Fatores psicológicos da percepção da qualidade ambiental. In: N. B. Maia, H. L. Martos, W. Barrella (Orgs.). *Indicadores ambientais: conceitos e aplicações* (pp.47), São Paulo: Puc-SP.
- Bernardo, F., & Palma-Oliveira, J. (2013). Place identity, place attachment and the scale of place: the impacto of place salience. *Psychology*, 4, 167-179. doi: 10.1080/21711976.2013.10773867
- Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist*, Washington, DC: American Psychological Association, 32, 513-531. Retrieved from <http://cac.dept.uncg.edu/hdf/facultystaff/Tudge/Bronfenbrenner%201977.pdf>
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bruno, N. L., Profice, C. C., Aguiar, P. C. B. & Ferraz, M. I. F. (2018). Apego ao lugar e sustentabilidade ambiental em uma comunidade rural do sul do estado da Bahia-Brasil. *Revista Gestão & Sustentabilidade Ambiental*, 7(1), p. 206-234. doi: 10.19177/rgsa.v7e12018206-234

- Carlomagno, M. C., Rocha, L. C. (2016). Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. *Revista Eletrônica de Ciência Política*, 7(1), p. 173-188. doi: 10.5380/recp.v7i1.45771
- Casas, F. (2010). El bienestar personal: Su investigación en la infancia y la adolescencia. *Encuentros en Psicología Social*, 5, 1, 85-101.
- Casas, F., Bello, A., González, M., & Aligué, M. (2012). ¿Qué afecta al bienestar de niños y niñas españoles de 1º de ESO? *Madrid: Unicef España*. Retrieved from https://old.unicef.es/sites/www.unicef.es/files/ARTICULO_Journal_of_Social_Research____Policy_Vol3_Iss2.pdf
- Casas, F., González, M., & Navarro, D. (2013). Social psychology and child well-being. In A. Ben-Arieh, I. Frones, F. Casas, & J.E. Korbin (Eds.). *Handbook of child well-being*, 513-554.
- Censo. 2018. População: o maior portal sobre população brasileira (website). Recuperado em 13 fev 2018 de http://populacao.net.br/os-maiores-bairros-cascavel_pr.html
- Chauí, M. (1994). Convite à Filosofia. São Paulo: *Ática*: 123.
- Coelho, J. A. P. M., Gouveia, V. V., & Milfont, T. L. (2006). Valores humanos como explicadores de atitudes ambientais e intenção de comportamento pró-ambiental. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 199-207, Maringá. doi: 10.1590/S1413-73722006000100023
- Copetti, F. & Krebs, R. J. (2004). As propriedades da pessoa na perspectiva do paradigma bioecológico. In: S. H. Koller, (Org.). *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil* (pp 67). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cummins, R. A., & Lau, A. L. D. (2005). Personal Wellbeing Index – Pre-School (PWI-PS). *School of Psychology Deakin University*. Retrieved from <http://www.acqol.com.au/iwbg/translations/pwi-ps-chinese-cantonese.pdf>
- Dantas, A. R. (2016). Análise de conteúdo: um caso de aplicação ao estudo dos valores e representações sociais. *Metodologias de investigação sociológica*. Retrieved from https://run.unl.pt/bitstream/10362/26257/1/Ana_Roque_Dantas_analiseconteudo_metodologias.pdf
- Diener, E. (2000). Subjective well-being: The science of happiness and a proposal for a national index. *American Psychologist*, 55(1), 34-43. Retrieved from <http://psycnet.apa.org/fulltext/2000-13324-004.html>
- Evans, G. (2006). Child development and the physical environment. *Annual review of psychology*, 57. Retrieved from <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16318602>
- Farias, T. M., & Pinheiro, J. Q. (2013). Vivendo a vizinhança: interfaces pessoa-ambiente na produção de vizinhanças vivas. *Psicologia em estudo*, 18(1), 27-36. doi: 10.1590/S1413-73722013000100004

- Felippe, M. L., & Kuhnen, A. (2012). O apego ao lugar no contexto dos estudos pessoa-ambiente: práticas de pesquisa. *Estudos de psicologia*, 29(4), 609-617. doi: 10.1590/S0103-166X2012000400015
- Ferreira, A. O., Rodrigues, E. A.F., Santos, A. C., Guerra, R. R., Miglino, M. A., Maria, D. A., & Ambrósio, E. (2016). Animal-assisted therapy in early childhood schools in São Paulo, Brazil. *Pesquisa Veterinária Brasileira*, 36(1), p. 46-50. doi: 10.1590/S0100-736X2016001300007
- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1980). An analysis of coping in a middle-aged community sample. *Journal of Health and Social Behavior*, 21, 219-239.
- Galinha, I. C., & Ribeiro, J. P. (2005). História e evolução do conceito de bem-estar subjetivo. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 6(2), 203-214. Retrieved from <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=36260208>
- Galli, F. (2014). *A relação das crianças do sul do Brasil com o ambiente e seu impacto no bem-estar pessoal* (Dissertação de Mestrado). Retrieved from <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/98325>
- Gaspar, Tania, & Balancho, Leonor. (2017). Fatores pessoais e sociais que influenciam o bem-estar subjetivo: diferenças ligadas estatuto socioeconômico. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(4), 1373-1380. doi: 10.1590/1413-81232017224.07652015
- Giacomoni, C. H., Souza, L. K., & Hutz, C. S. (2014). O conceito de felicidade em crianças. *Psico-USF*, 19 (1), 143-153. Retrieved from <http://www.redalyc.org/pdf/4010/401041441014.pdf>
- Gaspar, T., Matos, M. G., Ribeiro, J. L. P., & Leal, I. (2006). Qualidade de vida e bem-estar em crianças e adolescentes. *Revista brasileira de terapias cognitivas*, 2(2), 47-60. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872006000200005&lng=pt&nrm=iso
- Giuliani, M. V. (2003). Theory of attachment and place attachment. In M. Bonnes, T. Lee, & M. Bonaiuto. *Psychological theories for environmental issues* (pp. 137-170). Aldershot: Ashgate.
- Homel, R., & Burns, A. (1987). Is this a good place to grow up in? Neighbourhood quality and children-s evaluations. *Landscape and urban planning*, 14, 101-116. doi 10.1016/0169-2046(87)90016-8
- Hornqüist, J.O. (1990). Quality of life: concept and assessment. *Scand. J. Soc. Med.*, 18:69-79. Jesus, S. N. (2006). Psicologia da saúde e bem-estar. *Mudanças-Psicologia da Saúde*, 14(2), 126-135. doi: 10.15603/2176-1019/mud.v14n2p126-135
- Lima, D. M. A., & Bomfim, Z. A. C. (2009). Vinculação afetiva pessoa-ambiente: diálogos na psicologia comunitária e psicologia ambiental. *Psico*, 40(4), 491-497. Retrieved from <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5161393>

- Lima, R. F. F., & Morais, N. A. (2016). Caracterização qualitativa do bem-estar subjetivo de crianças e adolescentes em situação de rua. *Temas em Psicologia, 24*(1), 01-15. doi: 10.9788/TP2016.1-01
- Moser, G. (1998). Psicologia ambiental. *Estudos de psicologia, 3*(1), 121-130. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v3n1/a08v03n1.pdf>
- Moura Jr., J. F., & Sarriera, J. C. (2019). Impactos das Diferentes Formas de Mensuração da Pobreza nas Variações do Índice de Bem-Estar Pessoal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 35*, e3556. doi: 10.1590/0102.3772e3556
- Myers, D. G. (2014). Psicologia social e o futuro sustentável. In: D. G. Myers. *Psicologia Social*. Rio de Janeiro: Artmed, ed.10.
- Nepomuceno, B. B., Barbosa, M. S., Ximenes, V. M., & Cardoso, A. A. V. (2017). Bem-estar pessoal e sentimento de comunidade: um estudo psicossocial da pobreza. *Psicologia em Pesquisa, 11*(1), 1-2. doi:10.24879/2017001100100214
- Nisbet, E. K., Zelenski, J. M., & Murphy, S. A. (2011). Happiness is in our Nature: Exploring Nature Relatedness as a Contributor to Subjective Well-Being. *Journal of Happiness Studies, 12*(2), 303-322. Retrieved from <https://link.springer.com/article/10.1007/s10902-010-9197-7>
- Olivos-Jara, P. C. (2010). Ambientes escolares. *Psicologia Ambiental, Ediciones Pirâmide*. Retrieved from <https://pt.scribd.com/doc/49780781/Ambientes-Escolares>
- Pinheiro, J. Q., Pinheiro, T. F. (2007). Cuidado ambiental: ponte entre psicologia e educação ambiental? *Revista psico, Porto Alegre, 38*(1). Retrieved from <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/19216>.
- Pires, P., Junior, R. C. R., Lemos, D. C. L., & Figueiras, A. (2014). Ecocentrismo e comportamento: revisão da literatura em valores ambientais. *Psicologia em Estudo, 19*(4), 611-620. doi: 10.1590/1413-73722201204
- Piske, E. L., Yunes, M. A., & Garcia, N. M. (2019). Ambientes educativos como contextos microsistêmicos para o desenvolvimento humano na infância. *Revista Itierarius Reflecionis, 15*(3). Retrieved from https://www.researchgate.net/profile/Maria_Yunes/publication/337548954_Ambientes_e_educativos_como_contextos_microsistemicos_para_o_desenvolvimento_humano_na_infancia/links/5dddb87f92851c83644b82b1/Ambientes-educativos-como-contextos-microsistemicos-para-o-desenvolvimento-humano-na-infancia.pdf
- Poletto, Michele, & Koller, Silvia Helena. (2011). Subjective well-being in socially vulnerable children and adolescents. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 24*(3), 476-484. doi: 10.1590/S0102-79722011000300008
- Qedu. (2018). Qedu: use dados. Tranforme a educação (*website*). Retrieved 13 fev 2018 from <http://qedu.org.br/>

- Ramão, F. P., & Wadi, Y. M. (2008). Espaço urbano, desigualdade socioespacial e a dinâmica dos homicídios em Cascavel/PR. *Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, Caxambu-MG. Retrieved from <http://www.abep.org.br/~abeporgb/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/1756/1716>
- Ramos, I. L., & Bernardo, F. (2009). Paisagem urbano: viver a cidade entre o artificial e o natural. Retrieved from https://www.researchgate.net/publication/237165048_Paisagem_Urbano_Viver_a_Cidade_entre_o_Artificial_e_o_Natural
- Rees, G., Goswami, H., Pople, L., Bradshaw, J., Keung, A., & Main, G. (2012). The good childhood report. *England: The Children's Society and University of York*. Retrieved from https://www.childrenssociety.org.uk/sites/default/files/tcs/good_childhood_report_2012_final_0.pdf
- Reigada, C., Reis, M. F. C.T. (2004). Educação ambiental para crianças no ambiente urbano: uma proposta de pesquisa-ação. *Ciência & Educação*, 10(2), 149-159. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v10n2/01/pdf>
- Reuse, J. A., Menezes, R. R., & Siqueira, T. D. A. (2017). A visão da psicologia positiva sobre o bem-estar subjetivo no desempenho de atividades físicas no esporte competitivo. *Boletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia*, 3(8), p. 48-58. Retrieved from <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/BIUS/article/view/4190>
- Rogers, M. (2012). "They are there for you": The importance of neighbourhood friends to children's wellbeing. *Child Indicators Research*, 5, 483-502.
- Rosa, D. C.C. B. (2014). *Teorias sobre a floresta e funções de apego: um estudo sobre a relação das pessoas com a Amazônia* (Tese de Doutorado). Retrieved from <http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10934>.
- Santana, V. S. & Gondim, S. M. G. (2016). Regulação emocional, bem-estar psicológico e bem-estar subjetivo. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 21(1). doi: 10.5935/1678-4669.20160007
- Sarriera, J. C. et al. (2012). Bem-estar pessoal de pais e filhos e seus valores aspirados. *Aletheia*, 37. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942012000100007
- Sarriera, J. C., Junior, J. F. M., Ximenes, V. M., Rodrigues, A. L. (2016). Sentido de comunidade como promotor de bem-estar em crianças brasileiras. *Revista Interamericana De Psicologia*, 50(1), 106-116. Retrieved from <https://journal.sipsych.org/index.php/IJP/article/view/95/pdf>
- Schvingel, C., Giongo, I. M., & Munhoz, A. V. (2017). Grupo focal: uma técnica de investigação qualitativa. *Debates em Educação*, 9(19), p. 92-106. Retrieved from <http://200.17.114.107/index.php/debateseducacao/article/view/3455/pdf>

Siqueira, M. M.M. & Padovam, V. A. R. (2008). Bases teóricas de bem-estar subjetivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 24(2), 201-209. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v24n2/09>

Schütz, F. F. (2014). *Bem-estar em crianças de diferentes configurações familiares e em acolhimento institucional*. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Retrieved from <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/101404>

Schütz, F., Bedin, L., Strelhow, M. R. & Sarriera, J.C. (2014). Bem-estar infantil e aspectos psicossociais associados. *ResearchGate*. Retrieved from https://www.researchgate.net/profile/Fabiane_Schuetz/publication/315613837_Bem-Estar_Infantil_e_aspectos_psicossociais_associados/links/58d56059aca2727e5ea9a57c/Bem-Estar-Infantil-e-aspectos-psicossociais-associados.pdf

Veenhoven, R. (2009). Medidas de la felicidad nacional bruta. *Intervencion Psicosocial*, 18(2), 279-299. Retrieved from <http://hdl.handle.net/1765/23374>

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

Rufato, F. D., Favero, E., Oliveira, E. A. N. (2022). Bem-estar pessoal e relacionamento ambiental em crianças de 10-12 anos. *HOLOS*, 2, 1-30, Recuperado de <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/8410>.

SOBRE OS AUTORES

F. D. RUFATO

Bacharel em Psicologia, Especialista em docência do ensino superior e especialista em psicanálise clínica. Mestre em Ciências ambientais.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-0514-3882>

E-mail: fabricao-rufato@hotmail.com

E. FAVERO

Bacharel em Psicologia, Mestre em Extensão rural em doutora e Pós-doutora em psicologia.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-4381-5755>

E-mail: evelinefavero@yahoo.com.br

E. N. A. OLIVEIRA

Graduado em Tecnologia de Alimentos, Mestre e Doutor em Engenharia Agrícola na área de processamento e armazenamento de produtos agrícolas. Pós-doutor em engenharia Química.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-7000-8126>

E-mail: emanuel.oliveira16@gmail.com



Editor(a) Responsável: Francinaide de Lima Silva Nascimento

Pareceristas *Ad Hoc*: Marcos Roberto Tovani Palone e Roselene Lucena Alcântara



Recebido: 16 de março de 2019

Aceito: 23 de abril de 2020

Publicado: 13 de julho de 2022